



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA



Governo de São Paulo e Secretaria de Estado da Cultura apresentam

Figuras da Dança

DÉCIO OTERO

Um homem, muitas histórias

Um corredor de paredes vermelhas repletas de cartazes e fotos. O ambiente tem aparência calma. Só aparência. Alunos e bailarinos preenchem as salas em mais um dia de aulas e ensaios. É a sede do Ballet Stagium, e, em meio a essa movimentação, Décio Otero, generoso e gentil, abre as portas de sua casa, na rua Augusta, onde funciona a companhia e a escola há mais de 30 anos.

Carinhosamente chamado de mestre por todos, Otero teve seu início no estudo da dança de maneira singular. Um amigo com desvios de coluna foi encaminhado por seu médico para fazer aulas de balé clássico. Os dois foram parar no estúdio de Carlos Leite (1914-1955). Enquanto observava o amigo nas barras, o professor pediu para que Otero fizesse alguns exercícios e comentou: “Sabe de uma coisa? Acho que você precisa urgentemente começar a aprender balé”. Seu amigo



> Na década de 1980, cena da coreografia *Estatutos do Homem*, de Décio Otero (foto: Arnaldo Torres)

<< [capa] Décio Otero em estúdio, Frankfurt, 1967 (foto: Acervo Ballet Stagium)

saiu da dança depois que melhorou da lordose, e Décio Otero está aí, até hoje, trilhando os caminhos da dança, como coreógrafo, professor, diretor e grande incentivador da arte de dançar.

Um dos nomes mais reconhecidos da dança brasileira, com mais de 50 trabalhos feitos para o Ballet Stagium, companhia que dirige ao lado da mulher, Marika Gidali, Otero relata sua longa carreira, de maneira envolvente e apaixonada. Ele divide a história de sua carreira em quatro etapas: o começo em Belo Horizonte, a experiência no Rio de Janeiro, a temporada na Europa e, finalmente, São Paulo, onde criou o Ballet Stagium e ajudou a delinear a dança paulista e brasileira.

Belo Horizonte

Décio Otero nasceu em 1933, em Ubá, no interior de Minas Gerais. É o caçula de 11 filhos, com pai imigrante italiano e mãe descendente de espanhóis. Um ano depois, a família muda-se para Belo Horizonte, para acompanhar um de seus irmãos, que recebera uma proposta do Atlético Futebol Clube, o Atlético Mineiro.

A mudança foi importante na sua formação pessoal. Quando Otero começou a fazer aulas de dança, a cidade vivia uma efervescência cultural: escritores, jornalistas,





artistas plásticos e bailarinos movimentavam a capital mineira, com revistas, ideias, exposições e apresentações. Ele participou desse momento com o Ballet de Minas Gerais, dirigido por Carlos Leite, com quem começou a fazer aulas em 1951, e, um ano depois, ingressou na companhia com o mesmo nome.

“A dança é alguma coisa nata em mim, era extremamente talentoso no começo”, lembra. A companhia contava com a participação de Klauss Vianna (1928-1992), Angel Vianna, o próprio Otero, entre outros. A situação não poderia ser melhor: os bailarinos, encabeçados por Klauss, uniam à dança estudos sobre o corpo, para que o movimento fosse mais natural e preciso.

O Ballet de Minas Gerais tornou-se o mais importante da cidade e passou a receber muitos convites para viajar pelo Estado. Já no início dessa temporada, Otero ganhou seu primeiro papel solo, a remontagem de *O Espectro da Rosa* (1919), de Michel Fokine (1880-1942). Também dançou *Folhas de Outono* (1919), de Anna Pavlova (1881-1931).

Nessa companhia, também iniciou outra de suas habilidades artísticas, aos 20 anos, criou sua primeira coreografia, *Sonata ao Luar*, com música homônima de Beethoven (1770-1827), que tem como tema a história

de um louva-a-deus, morto após o coito. A criação foi uma surpresa para o próprio Carlos Leite, que estava viajando e só conseguiu assisti-la após o retorno da Europa. A princípio, até duvidou que tivesse sido feita por um garoto, mas, posteriormente, a incorporou ao repertório do Ballet de Minas Gerais.

Após quatro anos de ensaios, apresentações e muitas viagens, Otero dá início a uma outra fase em sua vida e sai pela primeira vez de casa, sozinho.

Theatro Municipal do Rio de Janeiro

A mudança para o Rio de Janeiro aconteceu em 1956. Mas sua ida ao Rio de Janeiro começou a ser traçada desde o seu segundo ano no Ballet de Minas Gerais, quando é levado por Carlos Leite, como uma recomendação por seu desempenho, ao Theatro Municipal da cidade para assistir a uma apresentação da bailarina de origem russa Violetta Elvin. “Eu fiquei tão maravilhado com aquilo que transcendi, saí da plateia. Quando eu acordei, vi que estava em um teatro”, recorda Décio Otero.

Nesse primeiro contato com o Rio de Janeiro, Carlos Leite ainda lhe apresenta Tatiana Leskova, que ocupava o cargo de diretora artística da companhia. Foi a própria



Leskova quem ofereceu um contrato a Otero. No corpo de baile do Rio de Janeiro, em pouco tempo, torna-se solista. Dança ao lado das estrelas da casa, como Tatiana Leskova e Berta Rosanova, e sua interpretação em balés, como *Yara* (1960), do dinamarquês Harold Lander (1905-1971), rende-lhe elogios e prêmios – por sua atuação nesse balé, ganhou todos os prêmios da crítica do Rio de Janeiro, em 1960.

Nessa temporada também conhece e dança *Concertos*, de Vaslav Veltchek (1896-1967), com Marika Gidali, mas não seria esse o momento de encontro decisivo entre os dois.

Apesar do sucesso alcançado em sua carreira até então, Otero sente que não quer se acomodar aos bons papéis, e uma inquietação cada vez maior por novos desafios o faz aceitar o convite para deixar o Brasil. Assim, após sete anos no Rio de Janeiro, parte para a Europa.

Europa

Seu primeiro destino na Europa foi Genebra, na Suíça. Ele chega à cidade em 1963, a convite da bailarina Beatriz Consuelo, para integrar o Ballet du Grand Théâtre de Genève, sob a direção de Serge Golovine (1924-1998).



Nessa temporada, percebe que realmente precisava de movimento na sua carreira. Quando chegou não teve o mesmo destaque que ganhara nos últimos anos no Brasil. “Fui lá pro último lugar da fila do corpo de baile”, lembra. Contudo, sua habilidade com a dança, sua intensidade e seu apuro em aprender se revelam nesses momentos. Consegue fazer uma excelente carreira no exterior, inclusive reavendo o posto de solista, apenas um ano após ingressar na companhia. No Ballet de Genève, dança coreografias importantes, como *La Sonambula*, de George Balanchine (1904-1983), e *Narciso*, de Serge Golovine.

Em 1966, muda-se para a Alemanha para integrar, como solista, o Ballet da Ópera de Colônia, sob direção de Todd Bolender (1914-2006), onde dança clássicos do repertório da dança como *O Quebra-Nozes*, de Marius Petipa (1818-1910), e outras coreografias, como *Études*, de Harold Lander. Um ano mais tarde, a convite do próprio Bolender, torna-se primeiro bailarino do Ballet da Ópera de Frankfurt.

A carreira seguia bem na Alemanha, mas os anos passados na Europa deixam Otero com um vazio crescente, sentindo-se cada vez mais sozinho. Essa insatisfação pessoal faz com que ele tome uma das decisões mais delicadas da carreira: voltar ao Brasil.

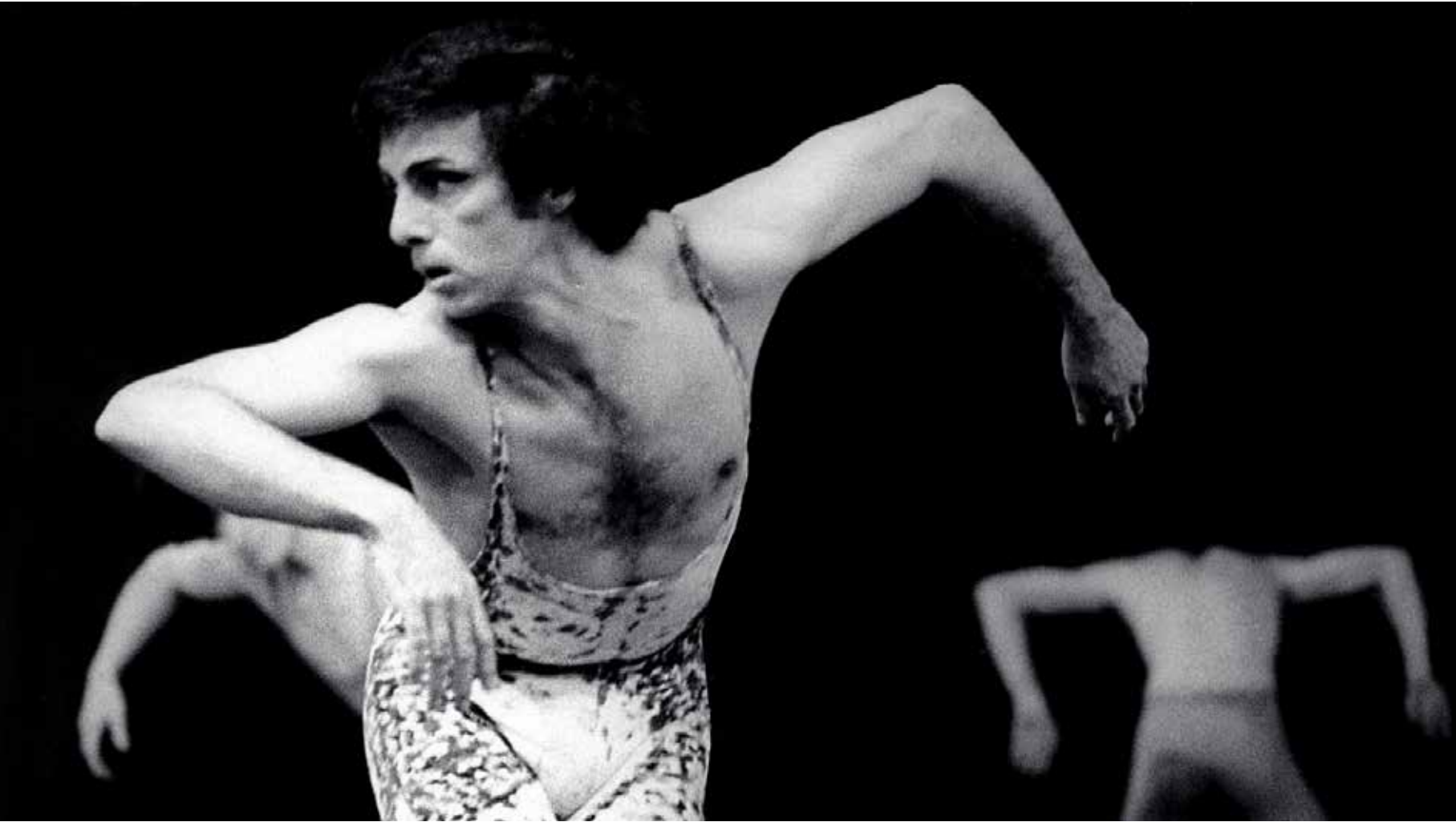
Sua temporada no exterior não significou uma vontade de fazer carreira fora do país, mas sim o desejo de aprender e retornar com mais bagagem. “Desde que comecei a dançar, sentia um amor muito grande pela minha terra e não me via absolutamente fazendo trabalhos fora daqui. Aqui era minha meta, minhas raízes, meu chão. Meu conhecimento técnico estava defasado, meus progressos, parados”¹

De São Paulo para o Brasil

Nesse retorno ao Brasil, Décio Otero reencontra Marika Gidali. Ele conta, em tom confessional, o que seria uma coincidência. Sua ex-mulher, Júlia Otero, comenta sobre uma bailarina de São Paulo e diz que eles deveriam trabalhar juntos. Era Marika Gidali. Eles se reveem em Curitiba, em 1970, e, pouco tempo depois, iniciam uma longa parceria profissional e pessoal.

Um dos primeiros trabalhos que fazem juntos é o programa para a TV Cultura *Convite à Dança*, em que adaptavam a dança cênica para a televisão.

1. OTERO, Décio, apud. SILVA, Elizabeth Gomes. *A história moderna da dança na história da dança de Décio Otero*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Mackenzie, em 1998.





Mas foi a fundação do Ballet Stagium, em 1970, o projeto que mudou o rumo de suas carreiras e ajudou a fortalecer a dança no Brasil. A união entre Marika, com sua experiência em teatro e televisão, e Décio Otero, com sua bagagem em companhias nacionais e internacionais, deu a medida exata para o que desejavam desenvolver: uma companhia brasileira que criasse trabalhos condizentes com a situação nacional.

Uma das primeiras providências da nova companhia vem de um conselho do ator Paulo Autran (1922-2007), levar coreografias a outras cidades. Algo que era muito comum no teatro, mas não tão comum na dança. A sugestão foi seguida à risca: o Stagium não mediu esforços para se apresentar pelo país. Além de teatros em centros urbanos, o grupo dançou em ginásios, clubes, pátios de escolas, hospitais, circos, entre outros espaços.

Dessa década, duas experiências ainda são lembradas com entusiasmo por Otero. A primeira, a *Barca da Cultura* (ou *Barca dos Sonhos*), um projeto de Paschoal Carlos Magno, o qual, durante 15 dias de 1974, o Ballet Stagium se apresentou no convés da barca Juarez Távora para populações ribeirinhas do rio São Francisco, navegando de Pirapora, em Minas Gerais, a Juazeiro, na Bahia. A segunda, em 1977, foram as apresentações para

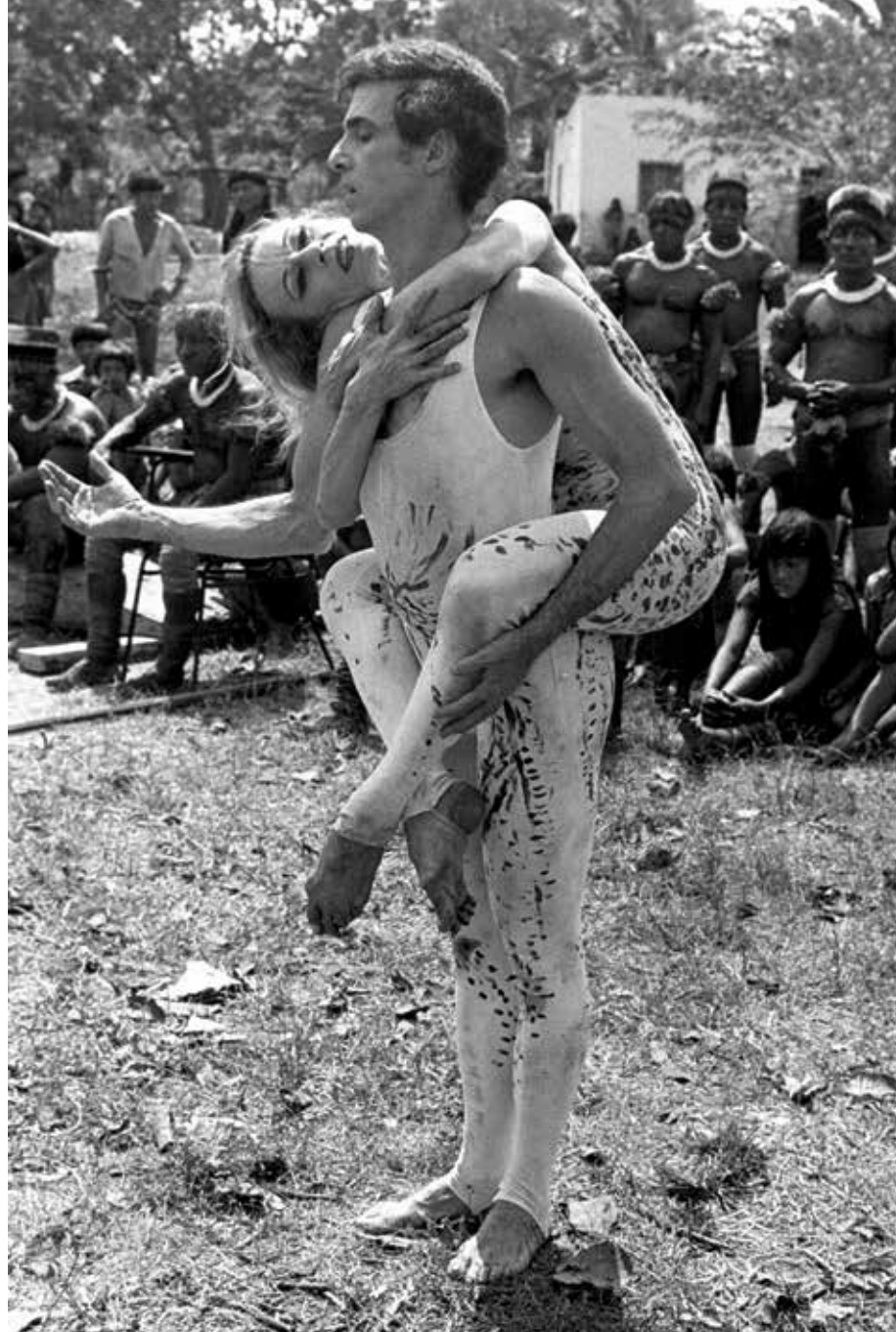
< Com Virgínia Zango, em *O Quebra-Nozes*, remontagem de Todd Bolender para o *Opera de Colônia, Alemanha*, em 1965 (foto: Acervo Ballet Stagium)

os índios no Posto Leonardo, no Alto Xingu, na floresta Amazônica.

Mais de 20 anos depois de dançarem no Xingu, os diretores, Décio e Marika, receberam recado do chefe de uma das tribos: “as onze tribos que os assistiram no Posto Leonardo falam até hoje do espetáculo como a coisa mais linda que já viram na vida”.²

Essas apresentações também foram determinantes na condução do Ballet Stagium e levantaram dois questionamentos sobre sua atuação. O primeiro: o que eles queriam fazer com a dança em um país onde as pessoas passam dificuldades, vivem em situações precárias, muitas vezes, sem alimentação apropriada? O segundo: como diminuir o distanciamento entre o balé clássico, as bailarinas de *tutus* e as músicas que não tinham nada a ver com a vida e os costumes nacionais? O casal percebe que precisa criar um diálogo mais próximo com o público brasileiro, com a variedade de cores, costumes e sotaques das distantes regiões do país. Essa ideia marca a filosofia do grupo presente em coreografias como *Kuarup ou a Questão do Índio* (1977), *Missa dos Quilombos* (1984), *Coisas do Brasil*

2. OTERO, Décio, *Stagium: as paixões da dança*. Hucitec. São Paulo, 1999, p. 19



(1979), entre outras tantas que ajudaram a delinear a memória da dança no país.

Em quase 40 anos à frente do Stagium, Otero foi responsável pela grande maioria das criações da companhia. Um dos embriões de seu estilo é *Diadorim*, de 1972, baseada no livro de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*. A versão baseia-se em três personagens centrais, Riobaldo, Otacília e Diadorim, e na relação de amor impossível entre Riobaldo e Diadorim. Na coreografia, ele transforma em pássaro selvagem a ideia de jagunço, e Marika interpreta Diadorim com grande envolvimento.

Décio Otero define o Ballet Stagium (e seus bailarinos) como 'balé repórter', por fazerem uma dança questionadora, que indaga, põe o dedo na ferida e faz o Brasil olhar um pouco mais para si mesmo. Um dos balés que surgem na década de 1970 e se tornam modelos desse modo de criar foi proposto por Ademar Guerra: *Quebradas no Mundaréu*, coreografia inspirada no livro *Navalha na Carne*, de Plínio Marcos. Ademar dirigiu a coreografia, e Ailton Escobar foi convidado para ser o compositor da trilha original. Depois de muitas reuniões e, segundo Otero, a quase desistência do compositor, surge a trilha, que mistura futebol, boleros, barulhos

de rua, dialogando com a idiossincrasia do texto de Plínio. Sucesso de crítica, mas não de público, que deixa o espetáculo por causa da violência das cenas.

A posição política foi outra marca de atuação do Ballet Stagium. Durante os anos de regime militar brasileiro, a dança torna-se uma das ferramentas de comunicação mais importantes entre os artistas; e o Stagium participa ativamente do movimento.

Outros espaços da dança

Desde 1974, Décio Otero, ao lado de Marika Gidali, se dedica a pensar como a dança pode ultrapassar a fronteira do teatro e ser utilizada como instrumento socioeducativo. Eles desenvolveram quase uma dezena de projetos que usa a dança como ferramenta para sensibilização, inclusão social, desenvolvimento da autoestima e transformação.

Entre eles, o projeto Escola Stagium já apresentou espetáculos da companhia para mais de 80 mil crianças e adolescentes de escolas públicas de São Paulo. Outro projeto, o Joanelinha, nasceu em 1998 e usa a dança para despertar outras potencializadas nas crianças. As aulas (balé clássico, danças circulares, dança livre de rua, música e teatro), durante a semana, procuram incentivar

o interesse pela educação e informação. Além de dar aulas de dança, Otero faz algumas coreografias para os alunos mais adiantados.

Ao lado de Marika, também cuidou por seis anos das atividades de dança da Fundação Casa (antiga Febem), desbravando outros caminhos na dança.

Aos 77 anos, Décio Otero tem ainda a vivacidade de continuar trabalhando em todas as frentes que construiu no Ballet Stagium, apontando caminhos possíveis para a dança.

Renata Amaral

Décio Otero e Marika Gidali em Crimes, 1985, coreografia de Otero

(foto: Emidio Luisi | Fotograma) >



Décio Otero | Cronologia

1933 Décio Otero nasceu no dia 15 de julho, na cidade de Ubá, em Minas Gerais.

1934 Muda-se com a família para Belo Horizonte.

1948 Lê no jornal uma convocatória de atores para um filme. Não é aprovado no teste; porém, passa a frequentar as salas de ensaio do Teatro Mineiro de Arte. Nessa época trabalha como office boy.

1951 É convidado por um amigo para fazer aulas de dança. Tem seu primeiro contato com a dança no Ballet de Minas Gerais, dirigido por Carlos Leite (1914-1955).

1952 Integrando o Ballet de Minas Gerais, apresenta, sob direção de Carlos Leite, seu primeiro papel solo, *O Espectro da Rosa* (1919), de Michel Fokine (1880-1942), e dança também *Folhas de Outono* (1919), de Anna Pavlova (1881-1931).

1953 Assina seu primeiro trabalho, *Sonata ao Luar*, sob música homônima de Beethoven. A obra é incorporada ao repertório do Ballet de Minas Gerais.

1954 Ao lado de Klauss Vianna (1928-1992), fugindo do academicismo, descobre novas formas de atuação na dança. Otero começa sua busca por uma linguagem voltada à cultura brasileira.

1956 Muda-se para o Rio de Janeiro para integrar, a convite de Tatiana Leskova, o Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Lá trabalha também com Maryla Gremo, Eugênia Feodorova (1925-2007), Dalal Achcar

e Nina Verchinina (1910-1995). Nesse ano, também conhece a bailarina Marika Gidali, com quem dança *Concertos*, de Vaslav Veltchek (1896 –1967). Otero também dança *Pavane Pour Une Infante Defunte* (1939), de Veltchek.

1957 Torna-se solista do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Dança *Rio Fantasia* e *Alegria de Viver*, sob direção de Watson Machado. Faz seu primeiro filme, *Camelô da Rua Larga*, sob direção de Euripedes Ramos e Hélio Barroso.

1958 Ingressa nos shows do Teatro de Revista, no Rio de Janeiro, em *Viúva Alegre*, de Carlos Machado. Na sequência protagoniza *Minha Querida Lady* e *Sambalelé*.

1959 É indicado como bailarino revelação por sua atuação no *pas de deux* de *o Cisne Negro*. Percorre o Brasil em turnê, dançando *Giselle*, com Margot Fonteyn (1919-1991) e Michael Somes (1917-1994).

1960 Ganha todos os prêmios da crítica do Rio de Janeiro, por sua atuação no balé *Yara*, coreografia do dinamarquês Harald Lander (1905-1971). Dança *O Combate*, de William Dollar (1907-1986). Viaja para Londres com o Ballet do Rio de Janeiro, dirigido por Dalal Achcar, a convite de Margot Fonteyn, e dança *Zuimaaluti*, de Nina Verchinina, e *O Garatuja*, de Denis Gray.

1961 Faz turnê pela Europa e recebe das mãos do governador Carlos Lacerda, no Palácio Guanabara, o prêmio de melhor bailarino do ano, por sua atuação em *Yara*. Dança o *pas de deux* de *Romeu e Julieta* com Berta Rosanova na abertura oficial do Primeiro Concurso Internacional de Ballet no Rio de Janeiro.

1963 Ingressa no Ballet Grand Theatre de Genève, na Suíça, a convite de Beatriz Consuelo, com direção de Serge Golovine (1924-1998).

Com os pais e irmãos em Ubá, Minas Gerais



Com Sigrid Hermany em *O Espectro da Rosa*, 1952



Com a irmã, em Belo Horizonte, Minas Gerais, 1967



Em Frankfurt com Virginia Zango, *Giselle*, 1967



No Teatro Municipal do Rio de Janeiro.



Década de 60, no Balé do Rio de Janeiro



Em Lausanne, Suíça, entre Beatriz Consuelo e Liliane van Del Veldi, 1964



1964 Torna-se solista do Ballet Grand Theatre de Genève e dança papéis de destaque em *La Sonambula*, de George Balanchine (1904-1983), *Dessins Pour Les Six*, de John Taras (1919-2004) e *Anabelle e Narciso*, de Serge Golovine.

1966 Ingressa no Ballet da Ópera de Colônia, na Alemanha, com direção de Todd Bolender (1914-2006), como solista. Dança *Étude*, de Harald Lander, e *O Quebra-Nozes*, de Marius Petipa (1818-1910).

1967 A convite de Todd Bolender vai para Frankfurt e se torna primeiro bailarino do Balé da Ópera de Frankfurt.

1968 Pelo Balé da Ópera de Frankfurt dança *Episódios*, de André Doutreval, e balés de repertório, como *Giselle* e *Raymonda*.

1969 Retorna ao Brasil e vai morar em Minas Gerais.

1970 Viaja para Curitiba para ministrar cursos de férias no Balé do Teatro Guaíra. Lá reencontra Marika Gidali, que o convida a participar do programa *Convite à Dança*, da TV Cultura.

1971 Funda o Ballet Stagium, com Marika Gidali. Cria *Dessincronias*, com música de Lukas Foss, *Orfeu e Eurídice* e *Impressions*.

1972 O Stagium realiza sua primeira viagem internacional para Buenos Aires. Otero cria *Diadorim*, *Entre Linhas* e *Episódios*.

1974 O Stagium ganha o prêmio da APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte), pelo conjunto de trabalhos. E a companhia se apresenta sobre um tablado armado no convés da barca Juarez Távora, no rio São Francisco, no projeto *Barca da Cultura (Barca dos Sonhos)*, idealizado por

Paschoal Carlos Magno. Nessa barca, a companhia navega de Pirapora, Minas Gerais, a Juazeiro, na Bahia. Otero coreografa *Jerusalém*, *Dois Retratos* e *D. Maria I, a Rainha Louca*.

1975 Viaja com o Stagium para os Estados Unidos, dançando por toda costa oeste e chegando a Nova York. Recebe ótimas críticas no The New York Times e na Dance Magazine. Apresenta-se no Festival Internacional de La Danse, em Paris, recebe excelentes críticas e é considerado o mais representativo coreógrafo do Brasil. Coreografa *Quebradas do Mundaréu* e *Prelúdios*.

1976 Cria *Chamam-te Alma*, *Bamboleô* (em parceria com Marika Gidali), *Resquícios* e *Das Terras de Benvirá*.

1977 Cria *Kuarup ou a Questão do Índio* e apresenta a coreografia no Festival Internacional de Artes de Guanajuato, no México. Realiza a terceira turnê do Stagium por toda a América Latina. O Stagium se apresenta na floresta Amazônica, para os índios, no posto do Alto do Xingu.

1978 Cria *Dança das Cabeças*.

1979 Coreografa *Valsas e Serestas* e *Coisas do Brasil*.

1980 Apresenta-se em toda a América Latina, Itália, Hungria, Espanha, Suíça e Cuba. Recebe a Medalha de Mérito Cultural, outorgada pelo Conselho Nacional de Dança, órgão vinculado ao Conselho Internacional de Dança da Unesco. Viaja para Europa e Japão. Coreografa *Maracatu* e *A Mi América*.

1981 Cria *Qualquer Maneira de Amor Vale a Pena*.

Em Formosa, Goiás, no mapeamento de dança no Brasil, na década de 1970.



No Alto Xingu com Marika Gidali e Marília Oswald de Andrade



Com Marika Gidali, coreografia *Adagietto*, de Oscar Arraiz



Cena de *Movimento Armorial*, 2000



Entre as irmãs Agnes e Marika Gidali



Com Marika Gidali e diretores do Royal Winnipeg Ballet, do Canadá, década de 80



1982 Coreografa *Santa Maria de Iquique, Vida e Mundo em Chamas*.

1983 Coreografa *O Uirapuru e O Mandarim Maravilhoso*.

1984 Cria *Missã dos Quilombos*.

1985 Cria *Modinbas e Crimes*.

1986 Coreografa *Pantanal e Dança dos Negros*.

1987 Cria *Céio 137, Alma Brasileira e Quadrilha*.

1988 Coreografa *Que Saudades, Elis!*

1989 Cria *A Floresta do Amazonas, Cenas sem Palavras, Valsas Brasileiras e Rosa*.

1990 Cria *Sair pro Mar*.

1991 O Stagium participa do Festival de Artes da cidade de Cádis, na Espanha, com os trabalhos *Quadrilha* e *A Floresta do Amazonas*. A companhia também se apresenta na Hungria.

1992 Cria *Shamain*.

1993 Coreografa *Luminescências e Choros*.

1994 Coreografa *Os Sonhos e Paulistânia*.

1995 Obtém enorme sucesso com a obra *Anjos da Praça* e coreografa *Carmina Burana*.

1996 Cria *Tangentemente*.

1997 Coreografa *Old Melodies*.

1998 A companhia participa do Taipei Arts Festival, na China, dançando *Sonhos, Batucada e Na Neblina* (criação desse ano). Otero cria *Dance Lá que Eu Danço Cá* e remonta *O Mandarim Maravilhoso* e *O Uirapuru*.

1999 Lança o livro *Stagium, as paixões da dança* (editora Hucitec), também dá início ao Projeto Joanhina, com objetivo de oferecer aos jovens das escolas públicas da periferia de São Paulo a oportunidade de descobrir, por meio da dança, a importância da obtenção de conhecimento, informação e cultura.

2000 Ganha o Prêmio Sócio-Educando, concedido pelo Ilanud e Unicef, por seu trabalho com jovens infratores de todo o país.

2001 Lança o livro *Marika Gidali – Singular e Plural*, (editora Senac), e cria *Pátio dos Milagres*.

2002 Coreografa para o Stagium a obra sobre o *Armorial* e para o Projeto Joanhina *Atravessando a Floresta*. Participa do núcleo de trabalho do Projeto Professor Criativo, em que ministra também aulas especiais.

2005 Coreografa *Stagium dança Chico Buarque*.

Encenando *Kuarup, ou a questão do Índio*, 1998



Com Marika Gidali



Cena de *Coisas do Brasil*, 2004



Projeto Joanhina, Escola da Família, anos 2000.



Com Marika Gidali na exposição sobre os 30 anos do Ballet Stagium



Coreografia *Brincadeiras Natalinas*, 2009



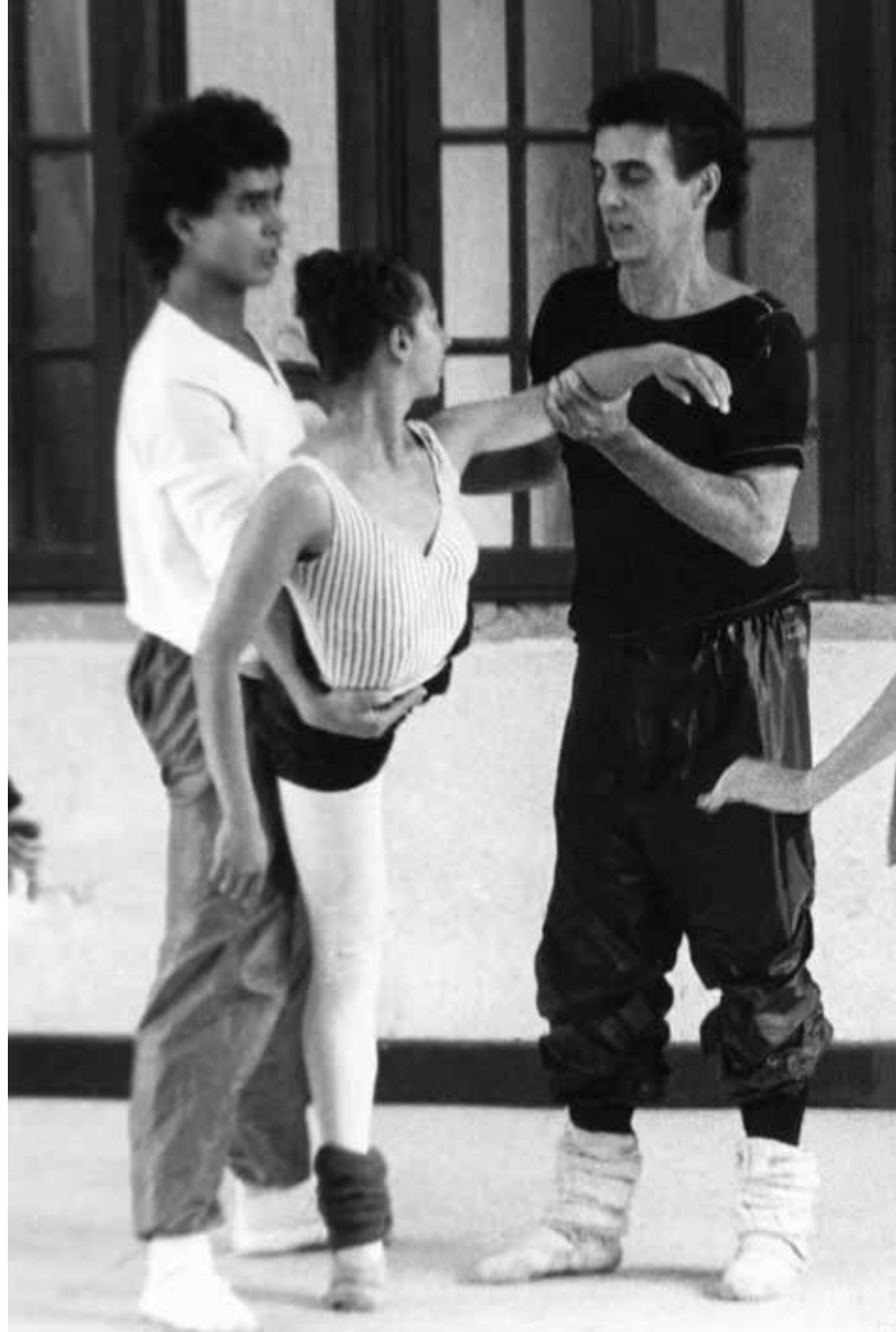
2007 Cria a coreografia *Mané Gostoso*.

2009 O Ballet Stagium recebe o Prêmio APCA em Percurso em Dança, por ter modificado a história da dança no Brasil.

2010 Ao lado de Marika Gidali, é homenageado pelo Projeto Ocupação Cultural, como personalidade marcante na vida cultural da cidade de São Paulo.

Cronologia por Marcela Benvegnu

Ensaio de Qualquer Maneira de Amar Vale a Pena, com Ballet de Câmara Equador, na década de 80 (foto: Acervo Ballet Stagium) >



SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA

A São Paulo Companhia de Dança, criada em janeiro de 2008 pela Secretaria de Estado da Cultura do Governo do Estado de São Paulo e instituída como equipamento cultural dessa Secretaria, é uma Companhia de repertório, isto é, seu repertório artístico abarca desde coreografias de referência da dança até coreografias inéditas criadas por diferentes artistas especificamente para o seu corpo de dança.

A Companhia tem à frente Iracity Cardoso e Inês Bogéa e conta com 47 bailarinos. A difusão da dança – produção e circulação de espetáculos – é o núcleo principal de seu trabalho. Ao final de seus dois primeiros anos de existência, a Companhia tem em seu repertório quatro coreografias inéditas e quatro peças de referência.

As atividades se completam com as ações educativas e de formação de plateia, que ampliam sua atuação para públicos diversos, e com as atividades sistemáticas de registro e memória da dança, como a série *Figuras da Dança, Canteiro de obras*, e as publicações, como o livro lançado em 2009, *Primeira Estação* (Imprensa Oficial | São Paulo Companhia de Dança).



FIGURAS DA DANÇA

O programa revisita a carreira de artistas importantes para a história da dança no Brasil. Partindo de depoimentos públicos, *Figuras da Dança* apresenta o artista por ele mesmo, em diálogo com interlocutores convidados e ilustrado com materiais iconográficos e registros audiovisuais.

Em dois anos de existência, *Figuras* conta hoje com dez documentários sobre personagens emblemáticos dessa arte: Ady Addor, Ismael Guiser (1927 – 2008), Ivonice Satie (1950 – 2008), Marilena Ansaldi e Penha de Souza, com direção de Inês Bogéa e Antonio Carlos Rebesco; e Antonio Carlos Cardoso, Hulda Bittencourt, Luis Arrieta, Ruth Rachou, Tatiana Leskova, com direção de Inês Bogéa e Sergio Roizenblit. A série tem concepção de Iracity Cardoso e Inês Bogéa.

Este ano, serão homenageados Décio Otero, Márcia Haydée, Angel Vianna, Sônia Mota e Carlos Moraes.

Além de veiculada na TV Cultura, difundindo a dança para o grande público, a série é distribuída gratuitamente a escolas, universidades, instituições culturais e bibliotecas, servindo como material de referência sobre a trajetória desses artistas.

Figuras da Dança
DÉCIO OTERO

Teatro Franco Zampari
São Paulo, 09 de março de 2010.

depoimento público

Concepção
Projeto *Figuras da Dança*
Iracity Cardoso e Inês Bogéa

Coordenação e apresentação
Inês Bogéa

Depoimentos de
Fausto Fuser, Marika Gidali, Mônica Mion, Oswaldo Mendes

Direção do vídeo projetado
Inês Bogéa

Direção de captação
Maira Toledo

Edição do vídeo projetado
Charles Lima

Imagens
Acervo Ballet Staging, Emidio Luisi |
Fotograma, Arnaldo Torres, Maurício Kubrusly, Douglas Canjani

Estrutura Teatro Franco Zampari
tv Cultura | Fundação Padre Anchieta

Captação e finalização
Ouroboros

Produção
André Lucena, Ouroboros

folder

Projeto gráfico Mayumi Okuyama
Designer Leonardo Franco

Pesquisa Inês Bogéa, Renata Amaral e Marcela Benvegnu

Fotografias da cronologia Acervo Ballet Staging, Emidio Luisi | Fotograma, Arnaldo Torres, Maurício Kubrusly

* Na cronologia, optamos por listar nomes, datas e outros dados de acordo com os registros escritos encontrados durante a pesquisa, mesmo correndo o risco de algumas ausências.



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA

direção

Iracity Cardoso
Inês Bogéa

equipe de produção

Superintendente de produção e turnê
Luca Baldovino
Assistente de produção
Fátima Silva

equipe de comunicação
e Marketing

Coordenadora
Marcela Benvegnu
Relações-públicas
Franceschina Vilardo

Designer
Leonardo Franco

equipe de educativo e memória

Coordenadora
Flávia Fontes Oliveira
Audiovisual
Charles Lima

Assistente de audiovisual
Daniel Fuentes

Assistentes de produção
André Lucena e Renata Amaral

equipe administrativa

*Superintendente administrativo-
financeira*
Sílvia Kawata

Assessora financeira
Mônica Takeda

Assessora administrativa
Cristiane de Oliveira Aureliano

Assistentes financeiros
Eduardo Bernardes da Silva,

Marli Bispo de Oliveira Tomachige

Assistente administrativo
Bismarque Muniz

Assistente de informática
Willian Muller Grandino

Auxiliares administrativas
Rosely Lima, Marcia Maria Filipus

Assessora de diretoria
Stela Leite

*Assistente administrativa
de diretoria*

Carmen Lippi
Secretaria de direção
Zélia de Góes

colaboradores

Assessora de comunicação
Marcy Junqueira
Consultoria jurídica
Falavigna, Mannrich, Senra e
Vasconcelos Advogados
Barbosa e Spalding Advogados
Olivieri & Signorelli Advocacia

Serviços contábeis
Escritório Contábil Dom Bosco

Revisão
Sandra Pereira

Website F.O.M.A. | VAD

governo do estado

de são paulo
José Serra
Governador do Estado

João Sayad
Secretário de Estado da Cultura

Ronaldo Bianchi
Secretário Adjunto

Sergio Tiezzi
Chefe de Gabinete

André Sturm
*Coordenador da Unidade de Fomento
e Difusão da Produção Cultural*

Associação Pró-Dança |
São Paulo Companhia de Dança

Iracity Cardoso

Diretora

Inês Bogéa

Diretora

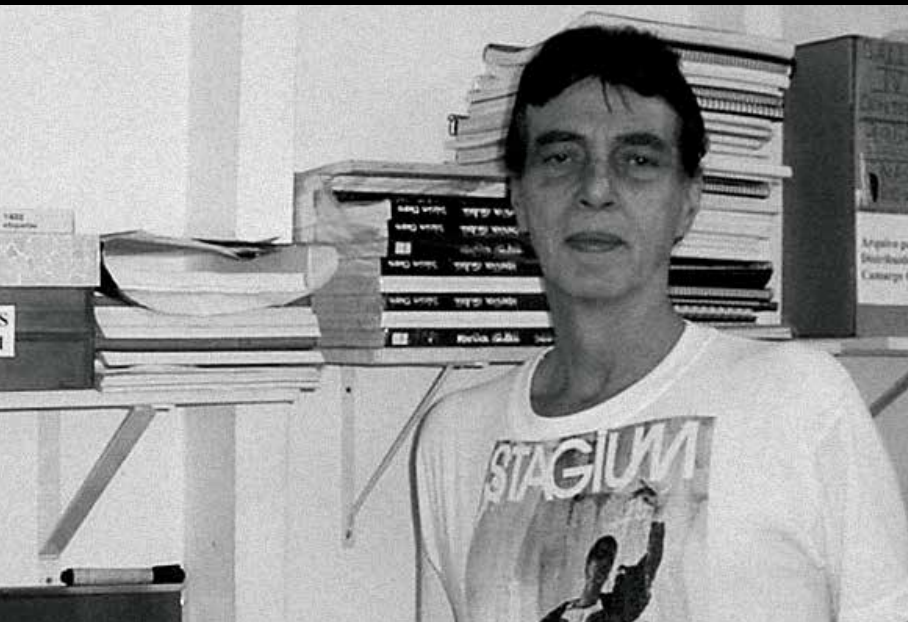
fundação padre anchieta

Jorge da Cunha Lima
Presidente do Conselho Curador do fpa

Paulo Markun
Presidente

Marcelo Amiky
Diretor de Produção

Cicero Feltrin
Diretor de Captação e Marketing



REALIZAÇÃO

 GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
CADA VEZ MELHOR

ASSOCIAÇÃO
PRÓ-DANÇA

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA

PRODUÇÃO



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA



Ouroboros
Cinema e Educação



FUNDAÇÃO
PADRE ANCHIETA